

TRÂNSITO ENTRE IGREJAS

Motivos e Prejuízos

Esp. Rosa Maria Canella Vargas¹

Me. Patrícia dos Santos Oga²

RESUMO

Transitar entre igrejas de uma mesma localidade pode se tornar uma situação complicada ao se desconsiderar a ética dos motivos e os prejuízos que envolvem a decisão de mudança. Nesse sentido, pela observação de conceitos éticos seculares e cristãos, pretende-se refletir sobre as possíveis causas, motivos e consequências desse trânsito, concluindo de forma reflexiva que a fragilidade dos motivos pode banalizar o compromisso cristão de ser “sal e luz”. A liderança da igreja que dedicar tempo a essa reflexão e buscar soluções para uma boa intervenção pode minimizar o trânsito irresponsável e suas consequências por meio de um pastoreamento dinâmico, bíblico e claro na abordagem dos benefícios de um comportamento ético cristão.

Palavras-chaves: Trânsito; Ética; Motivos; Prejuízos.

ABSTRACT

Moving between churches in the same locality can become a complicated situation by considering the ethics of the reasons and the losses involved in the decision to change. In this sense, by observing secular and Christian ethical concepts, we intend to reflect on the possible causes, motives and consequences of this transit, reflecting in a reflexive way that the fragility of motives can trivialize the Christian commitment to be “salt and light”. Church leadership who devote time to this reflection and seek solutions for good intervention can minimize irresponsible transit and its consequences through dynamic, biblical and clear pastoralism in addressing the benefits of ethical Christian behavior.

Keywords: Transit; Ethic; Reasons; Losses.

INTRODUÇÃO

Todo ser humano é regido em suas ações mais cotidianas por um código de ética que determinará quem ele é e como seus valores influenciam seu meio. Cristãos evangélicos³ também devem atender a um código de ética e senso de responsabilidade que orienta suas ações.

¹ Graduada em Bacharel em Teologia pela FATEBE, especialista em Aconselhamento e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). E-mail: rosacvargas@hotmail.com.

² Mestre em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), especialista em Desenvolvimento Editorial pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão (IBPEX) do Centro universitário UNINTER. E-mail: profs_patricia@yahoo.com.br.

³ Define-se cristãos evangélicos como aqueles que entendem o cristianismo a partir do evangelho de Jesus e comungam em igrejas provenientes do movimento da reforma protestante.

Observando-se o aumento do trânsito de membros entre as igrejas de uma mesma região, percebe-se que o pensamento ético e o comportamento que regem as decisões, assim como os motivos, podem desencadear consequências constrangedoras para a igreja e o indivíduo.

A Constituição brasileira assegura o direito de as pessoas se movimentarem livremente, contudo, ao transitarem entre denominações, o que motiva os cristãos muitas vezes são apenas diferenças entre sua ética e a ética bíblica. Well (2008, p. 161) afirma que “[...] sem dúvida, há um motivo para deixar a igreja, que é ajudar a iniciar, nutrir e desenvolver outra”. No entanto, essa autora acrescenta que existem outros motivos que levam os crentes a saírem de uma igreja: modismos espirituais, realidade econômica das famílias, divergências doutrinárias, autopromoção dos pastores em falsos ensinos, entre outros.

Quando um desses motivos é o estopim para a mudança, é relevante preocupar-se com o porquê desse comportamento por vezes pouco ético de pessoas que se declaram cristãs e quais as consequências desse ato. Assim, é preciso refletir sobre as causas desse comportamento e como a liderança pode agir para orientar e minimizar efeitos negativos a partir de uma intervenção saudável e transformadora.

Pretende-se, então, com este artigo, entender o que caracteriza a ética cristã, o que envolve a conduta e a santidade cristã, os motivos que levam à decisão de mudança, a realidade por traz desse trânsito, além de trazer uma sugestão para a solução dos conflitos e reforçar o ensino sobre conduta cristã como forma de evitar o trânsito.

1. O QUE CARACTERIZA A ÉTICA CRISTÃ?

O comportamento ético, especialmente no caso dos cristãos evangélicos, pode ser definido conforme Reifler (1992, p. 20): “Por definição, a ética cristã é condicionada a Cristo em quem encontramos a mais perfeita revelação da vontade de Deus”. Sendo assim, qualquer um que se faça conhecer como cristão precisa demonstrar que vive diariamente imbuído da convicção da centralidade de Cristo.

Esse mesmo autor afirma que o termo ética foi se generalizando e tornou-se mundialmente aceito entre os teólogos evangélicos do século XX; contudo, há diferenças entre a ética filosófica e a ética cristã:

[...] ética secular ou filosófica é a ciência dos costumes ou hábitos [...] busca a verdade e o bem pela razão conforme os conceitos predominantes da época. [...] hábito de beber, aos modos à mesa, às tradições de casamentos e funerais, [...] à moral trabalhista, política, civil e econômica. [...] ética cristã não é uma mera ciência de costumes e hábitos, não buscando a verdade e o bem primariamente pela razão. [...] não exclui a razão, mas a leva cativa à obediência de Cristo (2Co 10.5). Em sua essência, é normativa, enquanto a ética secular é mais descritiva. Vai além dos costumes. Por isso, ela procura a verdade e o bem através do supremo bem e da vontade de Deus revelada na Bíblia. (REIFLER, 1992, p. 16)

Nessa perspectiva, a ética secular e a ética cristã se diferem, pois enquanto uma é variável e mutável, a outra é fixa e imutável. Independente da época ou da sociedade, o cristão deve viver segundo esses princípios, o que torna a experiência da vida cristã focada em valores imutáveis.

Ao afirmar tal condição, não se pode esperar que a vida cristã transcorra imune a deslizos, mas, ao ser comparada com a ética secular, pode-se observar que a ética cristã é elaborada segundo princípios bíblicos.

Assim, se pode concluir que a prática consciente da ética cristã se opõe às possíveis ciladas da ética secular. A relatividade, característica da sociedade contemporânea, dificulta aceitar o comportamento marcado pela centralidade de Cristo.

1.1. A conduta cristã e a santidade bíblica

A reflexão sobre o trânsito entre igrejas envolve implicitamente caráter, comportamento e santidade, conforme o modelo de comportamento ético cristão descrito na Bíblia. Em Levítico 19:2, ao povo recém-saído da escravidão no Egito o Senhor determina: “Diga o seguinte a toda comunidade de Israel: Sejam santos porque eu, o Senhor, o Deus de vocês, sou santo” (NVI). Essa mesma instrução se repete na primeira epístola de Pedro, capítulo 1, versículo 15 e 16: “Mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem, pois está escrito: Sejam santos, porque Eu sou santo” (NVI). Partindo desse pressuposto, é preciso refletir brevemente sobre santidade.

A expressão “santo”⁴ refere-se a uma forma de conduta destacada tal que não alterna entre absoluta e relativa. Assim, ou se reproduz a ética cristã e seus valores ou se reproduz a ética secular e seus valores.

Na Bíblia há a observância dessa coerência desde o Antigo até o Novo Testamento. Todos os atos dos santos devem concordar entre si numa harmoniosa demonstração da centralidade de Cristo pela observância integral dos seus ensinamentos.

No Novo Testamento, o apóstolo Paulo (Ef. 4:1) orienta aos efésios que vivam de maneira digna da vocação que receberam. Dos versículos 22 a 32, ele reforça princípios práticos que abrangem diversas áreas do comportamento e corrige possíveis falhas no caráter do agora cristão:

22 Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, 23 a serem renovados no modo de pensar e 24 a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade.

25 Portanto, cada um de vocês deve abandonar a mentira e falar a verdade ao seu próximo, pois todos somos membros de um mesmo corpo. 26 "Quando vocês ficarem irados, não pequem". Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha, 27 e não dêem lugar ao diabo. 28 O que furtava não furte mais; antes trabalhe, fazendo algo de útil com as mãos, para que tenha o que repartir com quem estiver em necessidade.

29 Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que conceda graça aos que a ouvem. 30 Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção. 31 Livrem-se de toda amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de toda maldade.

32 Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoados mutuamente, assim como Deus perdoou vocês em Cristo. (BÍBLIA, 2003, p. 1447)

Partindo das considerações do apóstolo, entende-se que é possível mudar a prática da ética secular para a cristã de forma definitiva, plena de resultados satisfatórios e indicadores de uma vivência coerente com a fé que os cristãos evangélicos dizem abraçar.

Como a ética cristã leva a um estilo de vida construído, compreende-se que é um processo de mudança de mentalidade. Mannoia (2009), em sua obra “O fator integridade”, destaca que:

É necessária uma transformação total de mente para que as ações passem a ser apenas sinais externos da natureza interior. A identidade se manifesta naturalmente por meio das atividades. O comportamento, por sua vez, tem

⁴ Santo: Palavra do AT, indica separação de pessoa ou objeto do uso comum ou profano para uso divino, implicando consagração a Deus mais que pureza ética. Santidade é atributo do que foi escolhido por Deus e recebeu um caráter que se conforma com sua lei. (DEREK, 2000, p. 335)

sua origem na natureza. Assumir a mente de Cristo, portanto, não significa se empenhar além da conta para fazer mais ou melhores coisas. Significa uma simples, porém absoluta rendição da nossa vontade. (MANNIOIA, 2009, p. 35)

Quanto a essa mudança de natureza, o autor esclarece ainda que é um processo que envolve dor e não se completa simplesmente pela vontade humana, mas pela rendição do ser, como compromisso da vontade de se deixar transformar à imagem de Cristo.

Considerando isso, conclui-se que alguém disposto a submeter-se ao processo valorizará cada conquista e buscará usufruir os benefícios dela. Por meio das interações sociais, essa conduta se estenderá para seus relacionamentos próximos, incluindo seu grupo religioso de interesse.

A igreja local expressa para o mundo a mudança de natureza em atitudes como as do texto de Efésios 4:22 a 32. Assim, os cristãos demonstram diariamente o quanto são rendidos e transformados à imagem de Cristo.

Se todos os cristãos podem ser transformados em sua natureza e mudar a sua mentalidade, é necessário entender o que motiva o trânsito entre igrejas de uma mesma região. Que motivos podem estar associados à essa prática se o comportamento cristão é focado nos ensinamentos de Cristo? Quais poderiam ser as causas para esse trânsito?

2. SOBRE A DECISÃO DE MUDANÇA DE IGREJA

Como visto, espera-se que os cristãos evangélicos conheçam o texto bíblico a fim de nortearem seus comportamentos, decisões, sentimentos e relacionamentos, conforme o caráter de Cristo e a ética cristã. Entretanto, os cristãos não esperam enfrentar conflitos no convívio com outros cristãos. Uma das consequências de conflitos não resolvidos é o trânsito entre igrejas. Neste caso, pode-se identificar alguns fatores que influenciam essa decisão.

Há diferentes motivos para gerar o desejo de transitar. Segundo Poirier, (2011) podem ser: lealdade dividida, divergências com pessoas ou com estilos de ministérios, programas, eventos, etc.

Segundo esse autor, esses motivos ainda podem ser classificados em categorias como: questões de autoridade (escolher a quem obedecer, tentação de dominar, fracasso no exercício de autoridade); barreiras (ao invés da comunhão ser cristã, é substituída por hábitos e preferências culturais ou status social financeiro) e caráter pessoal (pecados pessoais decorrentes de brigas familiares, de casais, entre amigos ou profissional que envolva membros).

Além disso, existem outros motivos como, por exemplo, desejos, temores, expectativas ou metas que entram em rota de colisão com os desejos, temores, expectativas ou metas da outra pessoa (POIRIER, 2011).

Outra causa da instalação de conflitos é a falta de percepção em buscar o interesse dos outros. Poujol & Poujol (2005, p.31) salientam que “considerar os conflitos uma relação social determina nossa atitude diante deles”.

Os conflitos não são fenômenos anormais ou problemas a serem eliminados definitivamente, pois expressam uma conduta social; “[...] é um fenômeno inerente a toda sociedade ou comunidade, um componente natural e normal das relações” (POUJOL & POUJOL, 2005, p. 31).

Jacobsen & Coleman (2009) contam o episódio de um pastor que está indignado com alguém que causou profunda marca em sua reputação e cobra uma providência de Deus sobre isso. Seu amigo lhe diz que Deus não é mágico para que transforme a situação e o deixe feliz. Ele diz: “[...] a felicidade é uma substituta muito pobre para ser transformada na imagem de Deus, não acha?” (JACOBSEN & COLEMAN, 2009, p. 89).

Muitos cristãos estão apenas buscando felicidade ao invés da imagem de Deus, e podem comprometer seu comportamento e sua ética para serem felizes a qualquer custo. Como consequência, as possíveis respostas a esse conflito variam, podendo ou não chegar à pacificação. Quando se decide pela fuga (trânsito), são tomadas decisões como se fosse possível se purificar dos conflitos e se imunizar contra os ataques apenas mudando de igreja (POIRIER, 2011).

Assim, muitas vezes cristãos de uma localidade se evadem para outra sem explicação ou insistem em motivos esdrúxulos e vãos. Quando não encontram felicidade, é hora de buscar em outro lugar. Esse fenômeno é chamado de

hedonismo cristão, pois se busca prazer (conforto) a qualquer custo ao invés de uma vida transformada pela natureza de Cristo.

A teoria das “necessidades não satisfeitas” pode ser uma das causas mais comuns do desejo de transitar por outras igrejas buscando nelas o suprimento (POIRIER, 2011).

Parece que os membros que se sentem ofendidos ou protagonistas dos conflitos não aceitam correção. Tendem a exigir reparação por parte do outro, não consideram seus erros tornando-os inimigos. Sobre isso, McKinley (2012, p. 184-185) faz um comentário sobre a citação de D. A. Carson advertindo que: “amar outro cristão é amar alguém que costumava ser inimigo, um inimigo de Deus e de toda a humanidade, como um dia você foi. Agora, na igreja, esses inimigos aprendem a se amar mutuamente, de forma prática e concreta.”

Nicodemus (2015) ainda aborda a questão da mentalidade consumista das igrejas, chamando o fenômeno de “síndrome da porta giratória”, pois os indivíduos entram e se não se sentirem satisfeitos, saem tão facilmente como entraram. Por fim, ao decidirem pela saída, vão para outra instituição religiosa. Ali, podem demonstrar o mesmo comportamento. Tornando-se habitual, criam um desconfortável entra e sai, tendo como consequência a possibilidade também de macular a reputação de líderes, pastores e membros das igrejas.

Como consequência para essas pessoas, quando esse comportamento se torna habitual, pode não haver condições para que a liderança interfira no desenvolvimento de um caráter cristão pelo ensino sistemático da Palavra Deus.

3. A REALIDADE POR TRÁS DO TRÂNSITO

O trânsito de pessoas entre localidades é inevitável e não se pretende cercear o direito de ir e vir sob qualquer pretexto, nem rotular que o trânsito ocorra somente pela falta de ética ou por conflitos.

No entanto, muitas vezes o trânsito é consequência da falta de ética associada a conflitos não resolvidos ou mal resolvidos. Conforme indica Poirier (2011), os conflitos são difíceis de serem administrados porque se acredita que Jesus não passou pelos conflitos que as pessoas passam.

Na obra “Feridos em nome de Deus”, Cesar (2009) descreve testemunhos de pessoas que foram feridas por suas lideranças. Pode-se assim observar que mesmo líderes e instituições religiosas cometem excessos em nome de Deus para beneficiamento próprio.

Como afirmam Jacobsen & Coleman (2009): “Eu não creio que a Igreja desencaminhe as pessoas. Aqueles que estão à frente de certas instituições religiosas talvez sim, mas é bom não confundir isso com a Igreja como Deus a concebe” (JACOBSEN & COLEMAN, 2009, p. 96).

A verdadeira Igreja de Jesus não empurra ninguém para fora. Ao contrário, atrai e oferece suporte para enfrentamento das fragilidades humanas. Quando transitam entre igrejas sem resolverem seus problemas, suas carências e seus pecados, as pessoas apenas mudam de lugar.

Na obra de Jacobsen & Coleman (2009) há o diálogo entre alguém que quer sair da igreja e outro que o leva refletir demonstrando a fragilidade dos motivos:

Se é apenas um novo lugar para você encontrar sua identidade e enterrar sua culpa, pensando que descobriu um modo melhor de fazer isso, estará matando a mesma sede, apenas de uma fonte diferente. É isso o que eu ouço quando você considera esse novo grupo um grande “lance de Deus”. Ainda está falando como se estivesse competindo com outros irmãos e irmãs. Você não consegue amar o competidor, e, enquanto mantiver os olhos no placar, pode estar certo que estará competindo. (JACOBSEN & COLEMAN, 2009, p. 103)

Há motivos que levam um membro a sair de sua congregação e podem não estar relacionados com atritos, discordâncias, conflitos ou ética. Nicodemus (2015) entende que uma das causas de problemas nas igrejas cristãs não é o congregar muita gente, mas que grande parte talvez nunca tenha nascido de novo. Ele conclui que:

[...] difícil compreender como uma pessoa supostamente iluminada pelo Espírito, conhecedora da graça de Deus em Cristo, [...] seja capaz de espalhar mentiras, agredir irmãos, levantar calúnias, falsear a verdade, espalhar discórdia, viver na prática da imoralidade, deixar-se mover pelo ódio e pelo amor ao dinheiro e poder, tudo isso sem jamais demonstrar o mínimo arrependimento ou mesmo tristeza por seus atos. [...]. (NICODEMUS, 2015, p. 87)

3.1. Algumas estratégias podem ajudar evitar o trânsito entre igrejas de uma mesma localidade

Solução de conflitos, ensino sobre conduta cristã e classes de integração podem ser algumas estratégias para evitar o trânsito entre igrejas de uma mesma localidade.

O conflito positivo ou negativo possui uma função que faz parte do crescimento e desenvolvimento em qualquer sistema. Poujol & Poujol (2005) destacam atitudes que geralmente aparecem na tentativa de solucionar um conflito: evitar o conflito, dominar o outro, valer-se de um compromisso, ceder, sacrificar-se, colaborar com o outro.

A maneira como a igreja lida com os conflitos desencadeia uma sucessão de eventos que podem levar as partes atingidas à decisão irrevogável de mudança de local. O ideal seria que os pastores e líderes investissem na solução de conflitos, que ensinassem a palavra e promovessem ambientes que desestimulassem o egocentrismo e a banalidade dos comportamentos. Pelo ensino, pode-se gerar um clima de respeito e temor a Deus, reduzindo ações conflitivas.

Ao não tratar do trânsito de cristãos entre igrejas por motivos de ética, conflitos resolvidos ou não até tornando-se como algo habitual, sobrecarrega-se negativamente o testemunho do evangelho diante dos que não o conhecem.

A igreja tem como qualidade ser uma instituição que recebe, inclui e dá oportunidade a todos. A pós-modernidade ao relativizar os relacionamentos causa desgastes que estão fazendo sucumbir essa qualidade. Shaw (2004) comenta que:

A verdadeira comunidade cristã, onde o amor e relacionamentos verdadeiros podem existir entre diferentes faixas etárias, sexos, grupos de interesse e até mesmo pessoas que não gostam uma das outras, acaba sendo tratada pelo cristianismo pós-moderno no qual vivo como se fosse apenas “o meu tipo de gente”. A visão da vida de Corpo onde há unidade na diversidade, descrita por Paulo como tanto poder em 1 Coríntios 12, aparentemente está sucumbindo diante das ondas da pós-modernidade. (SHAW, 2004, p. 229)

Em ações minimizadoras de conflitos, os líderes podem cultivar um ambiente cristocêntrico mesmo numa sociedade pós-moderna. Shaw (2004) relembra a experiência de Bonhoeffer em 1930, que em pleno nacionalismo nazista, se volta para os recursos da verdadeira comunidade cristã como um guia da Igreja. Ele diz que:

A sensibilidade teológica de Bonhoeffer resguardou a Igreja dessas ideologias rivais, enquanto guiava a Igreja em direção a uma rica experiência de amor mútuo e relacionamento profundo. [...] Que lição ele nos ensina? [...] para Dietrich Bonhoeffer, *a chave para a comunidade cristã é aprendermos a deixar Cristo ser o mediador de nossos relacionamentos.* (SHAW, 2004, p. 230)

Nenhum cristão pode desfrutar de Cristo sozinho, longe de Seu corpo. Jacobsen & Coleman (2009), seguindo no diálogo dos dois amigos mencionado anteriormente, explicam que Jesus pode usar tudo ao redor de uma pessoa para ajudá-la aprender e valorizar o que o Pai pensa dela mais do que os outros:

[...] o que eu espero que você faça é simplesmente deixar que Deus o conecte a esses irmãos e irmãs com quem Ele deseja que você caminhe por enquanto. [...] Não alimente sua necessidade de estar mais certo do que os outros e então saberá com mais clareza o que Ele está realizando em você. (JACOBSEN & COLEMAN, 2009, p. 103)

Outra questão é reforçar o ensino que o cristão precisa amar ao próximo como a si mesmo. O amor é a tônica do evangelho e dos relacionamentos. Para McKinley (2012, p. 127) o amor tem a ver com o fato de ser ou não cristão: “[...] Cristãos amam dessa maneira porque, pelo poder do Espírito, eles refletem o caráter do próprio Deus.”

Sobre a recepção de membros de outras localidades, Mills (2005) aconselha aos pastores fazerem um levantamento sobre o que as pessoas têm feito nas igrejas que passaram, seu comportamento e ética. Isso evitaria que repetissem as histórias e motivos que os levaram sair:

Caros pastores, não fiquem demasiadamente empolgados quando vocês recebem um membro de outra igreja. Descubram porque ele se mudou. Quaisquer problemas com os quais aquele sujeito estava associado no lugar anterior certamente irão aparecer novamente! (MILLS, 2005, p. 172)

Mais drasticamente, como forma de preservação, o mesmo autor sugere baseado em Judas 10-12 que se exclua cristãos que demonstram comportamento e ética questionáveis considerando que permitindo a presença de pessoas assim aquela igreja ficará manchada.

Os motivos apresentados por ele para isso são: língua mexeriqueira e dobre, caluniadores, murmuradores, maus críticos, contadores de histórias, acusadores, mentirosos, pessoas que causam divisões e contendas (MILLS, 2005, p. 167-172).

A Bíblia exorta que é necessário tratar com critério os casos de irmãos pecadores. A primeira carta de Paulo aos Coríntios 5:1-5 menciona o caso de um membro da igreja que praticava fornicação com a mulher de seu pai.

Nos versículos seguintes, Paulo impõe àquela comunidade tomar providências em retirar o irmão pecador do meio deles a fim de que houvesse arrependimento e a não contaminação dos outros. Já na segunda carta de Paulo aos Coríntios 2:5-11, Paulo exorta aos membros da mesma igreja a perdoarem e receberem rapidamente o irmão agora arrependido.

Talvez atualmente o irmão pecador de 1 e 2 Coríntios, não goste da atitude de Paulo ou dos irmãos e vai para uma outra localidade. Nesta, poderia expor seu ponto de vista, criticar a atitude da liderança, dos irmãos e buscar amparo em sua vida pecaminosa.

A firmeza e amor na instrução de Paulo propiciou dor pela prática pecaminosa e sincero arrependimento por parte do irmão faltoso. Assim evitou-se que desviasse da fé e a comunidade usufruiu de uma lição de solução de conflitos duradoura.

A igreja como comunidade local, não deve ter medo de pôr em prática princípios de saneamento do corpo, mas para isso deve estar segura dos seus reais motivos e optar sempre pelos movimentos de amor em direção ao outro. “O ódio provoca dissensão, mas o amor cobre todos os pecados.” (Provérbios 10:12 NVI)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após abordar como problemático o comportamento de alguns cristãos evangélicos na decisão de mudar de igreja por conflitos ou motivos que esbarram na ética cristã, entende-se que líderes e membros podem investir na decisão de permitir que a centralidade de Cristo mude suas vidas e localidades.

Mudanças são lícitas, contudo podem se tornar um hábito prejudicial para o indivíduo, para a localidade religiosa que ele frequenta assim como para as que ele passará a frequentar. É relevante medir os prejuízos, pois podem ser irreversíveis se instalados como estilo de vida.

Neste sentido, se indica o investimento das lideranças no ensino de ética cristã baseada nos princípios da Palavra associado à discussão de temas que envolvam comportamento, assim como a capacitação de pessoas para atuar na área da resolução de conflitos.

Tornar a comunidade aconchegante e amorosa também pode ser um dos investimentos. Nesse ambiente, as ações para ensino ou correção serão melhor acolhidas, gerando mudanças.

Outra possibilidade de minimizar conflitos a longo prazo é investir na elaboração de classes de integração para membros de outras igrejas, a fim de que conheçam a nova comunidade e sua filosofia quanto às possíveis situações conflitantes.

É possível que os líderes em geral cooperem com os pastores para o bom andamento dos relacionamentos, incentivando que não haja comportamentos animosos ou tampouco que sejam alimentados por pecados, como a Palavra indica em Efésios 4:17 a 32.

A Igreja tem a característica de acolher e integrar a todos. Independentemente de suas histórias todos podem ter seu lugar junto ao Corpo de Cristo para desempenhar seu chamado. É na igreja que se pratica o conselho bíblico de suportar uns aos outros em amor⁵.

Se lideranças e membros puderem entender e investir mais nos princípios de mútua cooperação, essa problemática do trânsito traumático ou irresponsável, diminuirá. O investimento que se fizer minimizará a prática e as consequências do trânsito por fuga, aumentando o temor do Senhor por parte de todos os cristãos.

Certamente os cristãos podem aproveitar mutuamente do convívio comum numa mesma localidade resolvendo ali mesmo suas indisposições em respeito, amor e temor do Senhor para que a Igreja de Jesus continue sendo sal e luz.

O mundo em sua estrutura como dito na primeira carta de João⁶, não precisa ser expectador dos deslizes intencionais ou não do comportamento ético dos cristãos, pois a imagem de Cristo para eles fica arranhada e o testemunho do cristão comprometido.

⁵ Carta de Paulo aos Efésios 4:2

⁶ 1 Carta de João 2:15

Sendo necessário o trânsito, que não seja pelos motivos apresentados, mas para contribuir para o crescimento do Reino de Deus com dons, talentos e somando esforços, não dividindo o Corpo de Cristo.

REFERÊNCIAS

BIBLIA DEVOCIONAL DA MULHER. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

CESAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

CORDEIRO, Wayne. **A igreja irresistível**: características de uma igreja que arranca aplausos do céu. São Paulo: Vida, 2012.

JACOBSEN, Wayne; COLEMAN, Dave. **Por que você não quer ir mais à igreja?** Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

MACKINLEY, Mike. **Eu sou mesmo um cristão?** São Paulo: Fiel, 2012.

MANNOIA, Kevin W. **O fator integridade**: A força do caráter no desenvolvimento da liderança. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

MILLS, Dag Heward. **Lealdade e deslealdade**. 2ª. ed. São Paulo: Imprensa da Fé, 2005.

NICODEMUS, Augustus. **Polêmicas na Igreja**. Doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

POIRIER, Alfred. **O pastor pacificador**. Guia para a solução de conflitos na Igreja. São Paulo: Vida Nova, 2011.

POUJOL, Jacques; POUJOL, Claire. **Os conflitos**: Como se originam, como se desenvolvem e como solucioná-los. São Paulo: Vida, 2005.

RAE, Scott B. **Curso vida nova de teologia básica**: Ética cristã. São Paulo: Vida Nova, 2013.

REIFLER, Hans Ulrich. **A ética dos 10 mandamentos**: Um modelo de ética para nossos dias. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1992.

SHAW, Mark. **Lições de Mestre**: 10 insights para a edificação da igreja local. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

WELL, Peggy Sue. **O que fazer quando não queremos ir à igreja.** São Paulo: Vida, 2008.

WILLIANS, Derek. **Dicionário bíblico Vida Nova.** São Paulo: Vida Nova, 2000.